

## O “caso Dora” no século XXI: reflexões sobre a teoria e a técnica psicanalíticas

Carlos Eduardo de Sousa Lyra<sup>1</sup>

**Resumo:** Publicado por Freud em 1905 sob o título de *Fragmento da análise de um caso de histeria*, o “caso Dora” foi o primeiro caso clínico detalhadamente analisado por Freud após a criação da psicanálise; antes disso, Freud apenas descreveu alguns casos clínicos em *Estudos sobre a Histeria* (1895), de sua autoria junto com Breuer. No presente artigo, analisamos o famoso caso clínico freudiano, estabelecendo uma intertextualidade com passagens de alguns dos *Seminários* de Lacan, nos quais este psicanalista apresenta uma releitura do caso a partir dos indícios deixados por Freud acerca do componente homossexual do desejo de Dora. Com o relato da análise de Dora, torna-se evidente, posteriormente, o fracasso de Freud em detectar o fenômeno da transferência e utilizá-lo como ferramenta em função da qual seria possível manter o andamento da análise. Por outro lado, tal erro levou Freud a dar maior atenção à transferência, expondo as implicações técnicas que tal ferramenta pode ter no processo analítico. Freud, num ato de coragem e de honestidade científica, expõe seu erro na sua primeira publicação importante de um caso clínico para a psicanálise. Por último, fazemos uma breve reflexão sobre o “caso Dora” após pouco mais de cem anos de sua publicação por Freud, levando em conta o contexto científico de nossa época atual.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Clínica, Sonhos, Transferência, Neurociência.

**Abstract:** Published by Freud in 1905 under the title *Fragments of an Analysis of a Case of Hysteria*, "Dora's case" was the first clinical case thoroughly investigated by Freud after the creation of psychoanalysis; earlier, Freud described only a few clinical cases in *Studies on Hysteria* (1895), which he authored along with Breuer. In the present article, we analyze the well-known freudian clinic case, establishing an inter-textual relation with parts of some Lacan's *Seminaries*, in which this psychoanalyst presents a new reading of the case from the evidence left by Freud about the homosexual component of the desire of Dora. With the account Dora's analysis, it becomes apparent, later, Freud's failure to detect the phenomenon of transference and use it as a function of tool that would allow maintaining the ongoing analysis. Moreover, this error led Freud to give more attention to transference, exposing the technical implications that such a tool may have along the analytical process. Freud, in an act of courage and scientific honesty, exposes his mistake in his first major publication of a clinical case for psychoanalysis. Finally, we briefly reflect on the "Dora's case" after just over a hundred years of its publication by Freud, taking into account the scientific context of our own time.

**Keywords:** Psychoanalysis, Clinic, Dreams, Transference, Neuroscience.

### The “Dora case” in the XXI century: Reflections on psychoanalytic theory and technique

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto Nível I – DE, Universidade Estadual do Piauí. Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Mestre em Psicologia (PUC-Rio). Psicólogo e bacharel em Filosofia (UFPB). E-mail: ceslyra@hotmail.com

## **Introdução**

O “caso Dora” foi publicado por Freud em 1905 sob o título de *Fragmento da análise de um caso de histeria*, contudo já havia sido escrito em 1901, logo após a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Originalmente intitulado “Sonhos e Histeria, Fragmento de uma Análise”, o “caso Dora” foi o primeiro caso clínico detalhadamente analisado por Freud após a criação da psicanálise; antes disso, Freud apenas descreveu alguns casos clínicos em *Estudos sobre a Histeria* (1895), de sua autoria junto com Breuer.

## **Fragmento da análise de um caso de histeria**

Nascida em 1882, Dora, cujo verdadeiro nome era Ida Bauer, inicia seu tratamento com Freud em 1900, aos dezoito anos de idade. Antes disso, ela já havia visitado Freud apenas uma vez, em 1898, quando tinha dezesseis anos. Esta paciente era filha de um grande industrial, que sofria de tuberculose e que, inclusive, também já tinha sido examinado pelo próprio Freud em ocasião anterior, precisamente no ano de 1894. Além de seus pais, Dora convivia também com um irmão um ano e meio mais velho que ela.

Dora era muito apegada ao pai, tendo herdado deste, segundo Freud, uma inteligência e um senso crítico precoce. Sua relação com o pai passou a ser bem mais próxima a partir do momento em que este último começou a apresentar um quadro patológico que se agravava na medida em que Dora crescia e acompanhava todo o processo de sofrimento paterno. Por conta da doença do pai, Dora e sua família haviam se mudado para uma cidadezinha do interior em 1888, quando a jovem tinha apenas seis anos de idade.

Em sua infância, Dora sofrera de enurese noturna e dispnéia, distúrbios bastante comuns em crianças. Quando ela tinha dez anos de idade, seu pai deslocou a retina e teve de se submeter a um tratamento num quarto escuro. Dois anos depois, por conta de uma crise confusional, com sintomas de paralisia, o pai de Dora foi levado a Freud por um amigo da família, o Sr. K.

O Sr K e sua esposa eram amigos próximos dos pais de Dora. Por conta do agravamento da doença do pai da jovem, a Sr<sup>a</sup> K passou a cuidar do enfermo com certa regularidade. A mãe de Dora, por sua vez, era uma senhora muito dedicada aos afazeres domésticos e pouco presente nos cuidados relativos à doença do marido, bem como na vida

afetiva e sexual com ele. Já o Sr. K sempre foi muito amável e atencioso com Dora, que cuidava dos filhos do casal K.

Aos doze anos, Dora passou a apresentar sintomas de enxaqueca e tosse nervosa. A enxaqueca desapareceu quando a jovem tinha por volta de dezesseis anos, contudo a tosse nervosa continuou pelo menos até a época do tratamento com Freud. Nesta ocasião, a família de Dora tinha se mudado para Viena. A jovem, então, apresentava um comportamento antissocial, sendo hostil para com os pais e evitando outros contatos sociais; além disso, apresentava desânimo, falta de concentração e fadiga. Seus pais passaram a se preocupar mais com a moça quando encontraram uma carta na qual ela se despedia deles, mostrando intenções suicidas. Para Freud, todo o quadro clínico apresentado por Dora indicava que se tratava de um caso de histeria, com sintomas somáticos e psíquicos comuns neste tipo de neurose. Contudo, segundo Freud, tratava-se de uma “*petite hystérie*”, ou seja, de uma histeria comum, menos grave que os casos descritos na farta literatura médica da época.

Já no início do tratamento com Freud, Dora passou a revelar alguns acontecimentos que viriam a contribuir para a sua neurose. Primeiramente, declarou ter recebido uma proposta amorosa do Sr. K após um passeio pelo lago. Na ocasião, Dora, seu pai e o casal K estavam passando o verão em L\_\_\_\_, num dos lagos dos Alpes. Isto ocorreu pouco tempo depois da primeira visita de Dora a Freud, em 1898. O acontecimento foi comunicado pela jovem à sua mãe, que contou ao seu marido, o pai da moça. Este, por sua vez, juntamente com um tio de Dora, foi pedir satisfações ao Sr. K, que desmentiu o caso e passou a lançar suspeitas sobre Dora, ao afirmar que ela já se interessava por assuntos sexuais, uma vez que a mesma já havia comentado com a Sr<sup>a</sup> K sobre a leitura de livros de conteúdo sexual.

O próprio pai de Dora já havia mencionado a Freud sobre o incidente do lago, reconhecendo que este havia sido o acontecimento desencadeador dos comportamentos mais recentes da moça, inclusive de suas aparentes idéias suicidas. Além disso, o pai de Dora confessava abertamente que a jovem lhe pedia para romper o relacionamento com o Sr. K, e mais especificamente com a Sr<sup>a</sup> K, com a qual Dora já havia tido um relacionamento mais próximo. O pai de Dora se negava a acreditar nela, e afirmava que o incidente do lago era apenas uma fantasia da filha, de modo que não fazia sentido, para ele, romper sua ligação com a Sr<sup>a</sup> K, da qual tanto se beneficiava na sua condição especial de doente. O pai de Dora e a Sr<sup>a</sup> K pareciam vivenciar um relacionamento de apoio mútuo, uma vez que o primeiro era enfermo, e a segunda era infeliz em seu casamento com o Sr. K. O argumento principal do pai de Dora para objetar em relação a qualquer suspeita maior sobre seu relacionamento com a Sr<sup>a</sup>

K era que, devido à sua doença, ele estava impedido de manter relações sexuais, inclusive com sua própria mulher, a mãe de Dora.

No decorrer do tratamento com Freud, Dora revelou uma situação anterior ao ‘incidente do lago’. Segundo a moça, ela já havia sido seduzida pelo Sr. K quando ainda tinha quatorze anos de idade. Nesta ocasião, a jovem se encontrava sozinha com ele em sua loja comercial, pouco antes de irem assistir a um evento religioso. Dora mencionou que o Sr. K. pedira a ela que aguardasse na porta próximo à escada que conduzia ao primeiro andar do estabelecimento. O Sr. K, então, teria aproveitado a situação para abordar Dora e beijar-lhe os lábios. Segundo Freud, uma situação como esta certamente teria sido motivo de excitação para uma moça virgem, contudo Dora havia reagido com repugnância àquela atitude do Sr. K., o que atestava seu caráter histérico. Este incidente do beijo, portanto, teria se constituído como um trauma sexual sofrido por Dora. No entanto, tal acontecimento permaneceu em segredo até o momento do tratamento psicanalítico. Freud vai atribuir, posteriormente, os sintomas históricos de “repugnância, a sensação de pressão na parte superior do corpo e a evitação dos homens em conversa afetuosa” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 36) ao incidente traumático do beijo.

O relacionamento entre o pai de Dora e a Sr<sup>a</sup> K, como já foi dito, era bastante íntimo e ambos se encontravam frequentemente, muitas vezes a sós. Isto chamava a atenção de algumas pessoas, inclusive dos cônjuges de ambos, que apenas faziam comentários e especulações, contudo não agiam no sentido de pôr um fim ao relacionamento. A única pessoa que, de fato, se importava e agia, mesmo que histericamente, contra o relacionamento incomum entre o pai e a Sr<sup>a</sup> K era a própria Dora. Desta forma, parecia que esta estava sendo usada pelo pai como um objeto de troca, cedido ao Sr. K para compensar o relacionamento entre a Sr<sup>a</sup> K e o pai de Dora. Isto, naturalmente, consistia numa fantasia da própria Dora, que era, de certa forma, corroborada pelas atitudes de seu pai.

Contudo, por trás da fantasia de Dora parecia haver um real interesse da jovem pelo Sr. K, bem como certa conviência em relação ao relacionamento suspeito de seu pai com a Sr<sup>a</sup> K, com quem, outrora, Dora já havia estabelecido uma ligação mais íntima. Freud chega à conclusão de que as censuras dirigidas por Dora ao seu pai eram, na verdade, autocensuras. Freud também afirma que a raiz das preocupações obsessivas de Dora com o relacionamento entre seu pai e a Sr<sup>a</sup> K eram inconscientes. O seu comportamento parecia ir bem além daquele esperado por uma filha preocupada com a saúde do pai, mas assumia, segundo Freud, um caráter semelhante ao de uma esposa ciumenta. Tudo levava a crer que Dora estava se

colocando no lugar de sua mãe. Por outro lado, também havia indícios de que Dora se identificava igualmente com a Sr<sup>a</sup> K. Ambas as mulheres, em algum momento, foram objetos do amor do pai de Dora. Freud, então, conclui que Dora estava apaixonada por seu pai, o que, segundo a teoria psicanalítica, era obviamente um resquício da relação edipiana infantil. Até o aparecimento da Sr<sup>a</sup> K, era Dora quem cuidava do pai, sendo sua mais fiel confidente. Naturalmente, o aparecimento da Sr<sup>a</sup> K despertou, entre outras coisas, o ciúme infantil de Dora, bem como proporcionaram o surgimento de seus sintomas histéricos.

Não obstante, Freud vai mais além ao afirmar que o retorno inconsciente ao comportamento típico do período edipiano – portanto, infantil – foi para Dora uma maneira de se defender contra o sentimento de atração sexual pelo Sr. K, que parecia perturbar de forma constante a sua consciência. Por último, ultrapassando todas as interpretações até então formuladas, Freud ainda considera a existência de uma vertente homossexual do desejo de Dora, que era dirigida à Sr<sup>a</sup> K, principalmente na época em que ambas haviam estabelecido um relacionamento mais íntimo e duradouro.

### ***Primeiro sonho***

Freud descreve e analisa detalhadamente dois sonhos de Dora. Por esta razão, recomendamos ao leitor interessado a leitura do texto original (FREUD, 1905[1901]/1990). Assim, no presente artigo, nos limitaremos a fazer comentários sobre os sonhos analisados por Freud.

O primeiro sonho surgiu num momento importante da análise de Dora. Na verdade, tratava-se de um sonho que vinha se repetindo desde outras ocasiões, e este fato despertou a curiosidade de Freud. Dora havia tido o mesmo sonho três noites consecutivas quando se encontrava em L\_\_\_\_, local onde ocorrera o ‘incidente do lago’ com o Sr. K. O sonho voltara a ocorrer recentemente, já em Viena. Para Freud, havia, portanto, uma ligação entre o sonho e os acontecimentos do ‘incidente do lago’. Em relação à suspeita de Freud, Dora comentou que, na ocasião em que estavam hospedados perto do lago, havia surpreendido o Sr. K parado em sua frente, logo que acordara, dentro do quarto no qual dormia. Ao perguntar ao Sr. K o que ele estava procurando no quarto, este respondeu para Dora que não deixaria de entrar no quarto, onde ele mesmo dormia, quando quisesse. A partir de então, Dora passou a se trancar no quarto para poder fazer sua toailete matinal. Contudo, na mesma tarde, após a toailete matinal, a chave havia sumido. Dora atribuiu ao Sr. K o sumiço da chave. A jovem decidiu,

então, não permanecer na casa dos K quando seu pai estivesse ausente. Também passou a se vestir rapidamente, quando fazia sua toalete, com receio de que o Sr. K a surpreendesse. Contudo, isto não ocorreu. Freud viu na frase “*vestir-me rapidamente*”, que também estava presente no sonho de Dora, uma repetição daquela situação vivenciada na ocasião em que a jovem estivera na casa dos K, perto do lago.

Freud também estabelece uma conexão entre a ‘caixa de jóias’ presente no sonho e o fato, relatado por Dora, de a mesma ter recebido uma caixa de jóias de presente do Sr. K. Freud chama a atenção para o simbolismo entre ‘caixa de jóias’ e os órgãos genitais femininos, e o fato de Dora ter que retribuir de alguma maneira o presente que havia recebido do Sr. K. Para Freud, o sonho de Dora representava um retorno ao desejo infantil pelo seu pai, como forma de se defender de seu desejo atual pelo Sr. K.

A presença de um incêndio no sonho era, para Freud, uma repetição de um comentário do pai de Dora, ao chegar em L\_\_\_\_, da possibilidade de haver um incêndio naquele local. Dora havia chegado ao comentário do pai a partir de outra situação em que o pai estava discutindo com sua mãe sobre não trancar a sala de jantar de sua casa, uma vez que, no caso de uma emergência, o irmão de Dora só poderia sair de seu quarto pela porta daquela sala. O pai de Dora, então, comentou: “*pode acontecer alguma coisa durante a noite que torne necessário sair*” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 67, *itálico no original*). Esta frase corroborava a hipótese de Freud sobre o desejo de Dora em relação ao Sr. K, e também da presença ambivalente de um receio de que algo acontecesse durante a noite entre ela e o Sr. K. De acordo com Freud, o propósito de Dora, levado para a situação do sonho, poderia ser reformulado conscientemente da seguinte maneira: “Preciso afastar-me dessa casa, na qual, como vi, minha virgindade corre perigo; partirei com papai e, pela manhã, ao fazer minha toalete, tomarei minhas precauções para não ser surpreendida” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 84). Para Freud, ainda, Dora não só pretendia fugir *com* o pai, mas *para* o pai, uma vez que esperava que seu pai a protegesse da angústia frente ao seu desejo pelo Sr. K.

Freud ainda faz outras interpretações referentes ao primeiro sonho relatado por Dora; contudo, nos ateremos ao que foi exposto até agora, embora possamos voltar aos outros elementos do sonho mais adiante, ao nos depararmos com os comentários de Lacan.

### ***Segundo sonho***

O segundo sonho ocorreu algumas semanas depois do primeiro, e sua interpretação por Freud levou Dora a interromper a análise. Freud interpreta o segundo sonho analisando

quatro componentes da mesma situação onírica, os quais corresponderiam a quatro diferentes cursos de pensamento. Quais sejam: 1) a fantasia de vingança contra o pai; 2) a fantasia de defloração; 3) a fantasia de parto; e 4) o amor pela Sr<sup>a</sup> K.

O **primeiro componente do sonho**, isto é, a fantasia de vingança contra o pai, está implícito na seguinte síntese de um fragmento do sonho: “ela sai de casa, o pai adocece, e depois morre... Então ela vai para casa, e todos os outros já estão no cemitério; ela sobe para o quarto, sem nenhuma tristeza, e lê calmamente a enciclopédia” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 106). Freud chega a esta conclusão após analisar algumas passagens do sonho e confrontá-las com associações fornecidas por Dora durante as sessões. As associações de Dora a levariam novamente ao ‘incidente do lago’, e ao dito do Sr. K: “Sabe, não tenho nada com minha mulher” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 96); Dora lhe responde com uma bofetada no rosto.

O **segundo componente do sonho**, qual seja, a fantasia de defloração, foi elucidado a partir das referências oníricas a um ‘bosque’, que se assemelhava ao bosque perto do lago (do ‘incidente do lago’) e a um quadro que Dora vira no dia anterior. Este quadro retratava um bosque denso, onde ao fundo viam-se algumas ‘ninfas’. Freud relacionou esses dados com a semelhança entre as palavras *Bahnhof* (‘estação’, ‘pátio de ferrovia’), *Friedhof* (‘cemitério’, ‘pátio de paz’) – retiradas do sonho de Dora – e a palavra *Vorhof* (‘vestíbulo’, ‘pátio anterior’). Assim, Freud chegou à conclusão de que o ‘bosque denso’ do sonho de Dora se relacionava com uma descrição da genitália feminina. O termo *Vorhof* designa uma parte específica da genitália feminina, o vestíbulo. Já a palavra ‘ninfas’ era conhecida entre os médicos da época como um termo para designar os pequenos lábios. Para Freud, então, levando em consideração o desejo reprimido de Dora pelo Sr. K., tais referências no sonho diziam respeito a uma fantasia de defloração.

Freud comunicou sua interpretação do segundo componente do sonho a Dora. Esta lhe trouxe, então, um fragmento esquecido do sonho: “que ela foi calmamente para seu quarto e pôs-se a ler um livro grande que estava sobre sua escrivaninha” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 97, *italico no original*). Freud relacionou este fragmento à ânsia curiosa de crianças e adolescentes pela leitura de matérias proibidas, encontradas em revistas ou enciclopédias (“livro grande”), com o intuito de conhecer mais sobre temas ligados ao sexo. Esta passagem também complementa a síntese, elaborada por Freud, sobre o primeiro componente do sonho (ver acima).

O tema da leitura de enciclopédias levou Freud a investigar uma suposta crise de apendicite apresentada por Dora pouco depois da morte de sua tia. Para Freud, tratava-se de

um sintoma histérico, que repetia uma crise de apendicite verdadeira sofrida por um dos primos de Dora, na ocasião em que sua tia adoecera. Além disso, a dor sentida por Dora coincidia com uma dor no baixo ventre, sobre a qual a jovem havia lido numa enciclopédia. Após seu sintoma histérico no abdômen – que, evidentemente, não era apendicite – ter passado, Dora ficou com uma sequela: arrastava uma perna. Esta sequela não era comum numa apendicite. Freud, então, perguntou quando a suposta apendicite havia ocorrido: antes ou depois do ‘incidente do lago’? A resposta de Dora foi reveladora: nove meses depois. Assim, Freud chegou ao **terceiro componente do sonho**, isto é, à fantasia de parto. As dores descritas por Dora como uma suposta apendicite se ajustavam melhor à cena de um parto. Este “parto” ocorrera exatamente nove meses depois do ‘incidente do lago’, o que comprovaria uma suposta gravidez de Dora após o encontro com o Sr. K. Tratava-se, portanto, de uma gravidez e parto simbólicos, como sintomas histéricos que, para Freud, tinham um correspondente na infância. O arrastar da perna correspondia a uma ocasião em que Dora enfaixara o pé quando criança, após uma queda da escada; isto significava, para Freud, que Dora deu um “passo em falso” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 100).

O trabalho de interpretação e análise do segundo sonho havia tomado duas sessões. Na sessão seguinte, Dora anuncia a Freud que aquela seria a última vez que ela compareceria ao tratamento. Ao ser questionada acerca de quando havia tomado aquela decisão, Dora responde que havia decidido há quatorze dias. Freud chama a atenção para o prazo de quatorze dias, que soava como um aviso prévio de uma empregada ou governanta. Isto trouxe a Dora a lembrança de uma governanta que trabalhara para o casal K. em L\_\_\_\_, no lago. Até então, Dora não mencionara nada a respeito de tal governanta.

Ao ser indagada por Freud, Dora conta que a governanta cuidava dos filhos do casal K. e se comportava de maneira particularmente estranha em relação ao Sr. K, evitando-o de todas as formas. Certa vez, um ou dois dias antes do ‘incidente do lago’, a governanta disse a Dora que, numa ocasião em que a Sr<sup>a</sup> K. se ausentara por algumas semanas, o Sr. K havia lhe assediado insistentemente, tendo mantido relações sexuais com ela. Para justificar sua atitude, ele dissera as seguintes palavras: “Não tenho nada com minha mulher” (Freud, 1905[1901]/1990, p. 102). Depois do ocorrido, o Sr. K. passou a tratar a governanta com indiferença. A governanta, então, contou o fato aos seus pais, que exigiram que a filha abandonasse a casa do casal K. Por não obedecer à recomendação dos pais, permanecendo na residência do casal K., a governanta foi proibida pelos pais de voltar para sua casa.



A partir dessas novas informações, Freud conclui que o motivo da bofetada que Dora deu no Sr. K. foi, na verdade, uma manifestação de vingança por ciúmes. No ‘incidente do lago’, o Sr. K. usara as mesmas palavras ditas à governanta (“Não tenho nada com minha mulher”) para, supostamente, seduzir Dora. Ao ser colocada na mesma situação que a governanta, Dora teria defendido seu orgulho ao bofetear o Sr. K. Freud acreditava que Dora havia se identificado com a governanta por também ter contado aos seus pais o que lhe ocorrera no ‘incidente do lago’. Além disso, seu aviso prévio de quatorze dias para deixar a análise era, segundo Freud, mais um indício da identificação com a governanta. Esse mesmo prazo corresponde ao tempo esperado por Dora para contar a respeito do ‘incidente do lago’ à sua mãe. Freud ainda acrescenta que “a carta do sonho, que lhe permite voltar para casa, é a contrapartida da carta dos pais da moça, em que ela é proibida de fazê-lo” (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 103).

Um **quarto componente do sonho** e da análise de Dora – não suficientemente explorado por Freud, mas apontado pelo mesmo – seria seu amor devotado à Sr<sup>a</sup> K. Trata-se de uma vertente homossexual do desejo de Dora, que caracteriza, segundo Freud, uma dimensão de toda a histeria. Para Freud, a fantasia de defloração estava sendo narrada do ponto de vista do homem, o que sugere que Dora se identificara com o Sr. K. Este quarto componente do sonho de Dora será retomado, com maior ênfase, por Lacan.

O que se sabe, afinal, é que Dora abandonara o tratamento com Freud, após as últimas comunicações feitas por ele. Freud viria a reconhecer sua falha no tratamento de Dora, por não ter dado atenção suficiente ao fenômeno da *transferência*, que vinha se apresentando desde o início da análise.

### O “caso Dora” em Lacan

Lacan analisa o “caso Dora” a partir dos indícios deixados por Freud acerca do componente homossexual do desejo de Dora, ou seja, Lacan defenderá que o objeto de amor da moça era, na verdade, a Sr<sup>a</sup> K. Segundo Lacan, Dora estava, a princípio, implicada numa relação quaternária, cujos componentes, além dela própria, eram seu pai, a Sr<sup>a</sup> K. e o Sr. K. Para Lacan, o eu de Dora está identificado com este último personagem do quadrilátero. A situação inicial só era mantida, portanto, pela presença do quarto elemento da relação, o Sr. K., que sustentava a ligação entre Dora e a Sr<sup>a</sup> K. A ruptura do equilíbrio na relação quaternária teria ocorrido, segundo Lacan, no momento em que o Sr. K. fizera a suposta proposta (“Não tenho nada com minha mulher”) à Dora, no ‘incidente do lago’. “Tudo se

passa nesse momento como se ela lhe respondesse – *Então, o que você pode significar para mim?* Ela o esbofeteia imediatamente, enquanto que até então ela tinha mantido com ele a relação ambígua que era necessária para preservar o grupo a quatro” (LACAN, 1955-6/1997, p. 108-9, itálico no original).

Para Lacan, não se trata de diminuir o peso da relação, apontada por Freud, entre Dora e o Sr. K, mas de reconhecer que a ambigüidade do desejo de Dora só pode ser compreendida ao se investigar o papel fundamental desempenhado pela Sr<sup>a</sup> K. como objeto do amor da jovem (LACAN, 1956-7/1997).

Uma noção central apontada por Lacan no “caso Dora” é o fato do pai de Dora ser impotente. Segundo Lacan, o pai seria o responsável por dar, simbolicamente, o objeto faltoso na relação primitiva entre a criança e a mãe, objeto este cuja falta sustenta o desejo do sujeito. “No caso de Dora, ele não o dá, porque não o tem” (LACAN, 1956-7/1997, p. 142). O amor de Dora em relação ao pai, portanto, se manifesta na medida em que este pai é “castrado”. Dora se prende ao pai exatamente por aquilo que ele não pode lhe dar.

De acordo com Lacan, “toda situação se instaura como se Dora tivesse que se formular a questão: *O que é que meu pai ama na sra. K.?* A sra. K. se apresenta como algo que seu pai pode amar para além dela mesma. Aquilo a que Dora se apega é o que é amado por seu pai numa outra, na medida em que ela não sabe o que é” (LACAN, 1956-7/1997, p. 143-4, itálico no original). Dora, então, se coloca numa posição entre seu pai e a Sr<sup>a</sup> K. Esta última representa para a jovem o ideal da função feminina, isto é, a Sr<sup>a</sup> K se apresentaria precisamente como a resposta para a questão apontada: “*O que é uma mulher?*” (LACAN, 1956-7/1997, p. 144, itálico no original).

Por outro lado, há também a formulação de uma relação triangular, na qual o Sr. K. seria o mediador entre a Sr<sup>a</sup> K. e Dora. Assim, pode-se perceber que a Sr<sup>a</sup> K é o objeto de desejo de todos os personagens implicados nessa trama. A relação quaternária, como já vimos, é mantida até o momento em que o Sr. K diz a Dora, no ‘incidente do lago’, que sua mulher não significa nada para ele. A partir de então, o quadrilátero se rompe e o conflito se estabelece. Para Dora, reconhecer que o Sr. K. se interessa apenas por ela é, ao mesmo tempo, admitir que seu pai só se interessa pela Sr<sup>a</sup> K (LACAN, 1956-7/1997); isto parece não ser tolerado por Dora. Este fato marca precisamente o momento em que a jovem volta a reivindicar o amor do seu pai, o que fica claro no primeiro sonho analisado por Freud. Ela já não pode ser conivente com a relação entre a Sr<sup>a</sup> K. e seu pai, uma vez que a manifestação por

parte do Sr. K., no ‘incidente do lago’, evidencia o furo no quadrilátero que Dora sustentava em seu desejo.

Lacan também chama a atenção para a total ausência da mãe de Dora no caso. A demanda de amor por parte de Dora, portanto, é voltada exclusivamente para o seu pai. Este possui um desejo, que é insatisfeito, endereçado à Sr<sup>a</sup> K., impossibilitado pela sua condição de impotência; portanto, seu desejo é barrado (LACAN, 1957-8/1999). O que torna o caso interessante, segundo Lacan, é perceber que o desejo de Dora reflete precisamente o desejo do Outro: Dora e seu pai amam a mesma mulher, a saber, a Sr<sup>a</sup> K. Assim, o desejo de Dora também é barrado. Para sustentar seu desejo, Dora precisa realizar uma identificação imaginária “com um pequeno outro, que, por sua vez, está em condições de satisfazer o desejo” (LACAN, 1957-8/1999, p. 381). Este ‘pequeno outro’ é o Sr. K. É a partir dessa identificação imaginária com o Sr. K. que Dora pode se situar na relação quaternária, conservando seu lugar, sua função nessa relação. Para Lacan, portanto, é apenas como objeto de identificação imaginária que o Sr. K. desperta o interesse de Dora.

O que marca, segundo Lacan, a posição da histérica é o desejo enquanto desejo do Outro. No caso de Dora, isso fica bem claro na medida em que a jovem se coloca, inconscientemente, a tarefa de sustentar, ou dar apoio, ao desejo de seu pai pela Sr<sup>a</sup> K. Esta tarefa, como vimos, só podia ser realizada na medida em que o Sr. K. estava envolvido como quarto elemento imaginário da relação quaternária. Ao romper-se a relação, Dora perde todo o seu referencial, ou seja, é destituída de seu lugar, de sua função, passando a reivindicar o amor do pai.

### **A transferência e o erro de Freud**

Com o relato da análise de Dora, torna-se evidente, posteriormente, o fracasso de Freud em detectar o fenômeno da transferência e utilizá-lo como ferramenta em função da qual seria possível manter o andamento da análise. Foi precisamente por conta deste erro de Freud que a análise de Dora foi interrompida. Freud não soube lidar com esse instrumento essencial de qualquer prática analítica que é a transferência. No entanto, Freud soube detectar seu erro; e se não pôde salvar a análise de Dora a tempo, por outro lado, passou a dar maior atenção ao fenômeno da transferência, expondo as implicações técnicas que tal ferramenta pode ter no processo analítico. Freud, num ato de coragem e de honestidade científica, expõe seu erro na sua primeira publicação importante de um caso clínico para a psicanálise.

Este erro de Freud, não obstante, poderia estar associado a outro erro apontado por Lacan, já abordado no decorrer de nossa exposição. Segundo Lacan, “Ele (Freud) chega a indicar, numa nota, que houve sem dúvida um erro de sua parte, e que deveria ter compreendido que o apego homossexual à sra. K. era a verdadeira significação do estabelecimento da posição primitiva de Dora, e, ao mesmo tempo, de sua crise” (LACAN, 1956-7/1997, p. 140). Contudo, talvez seja mais adequado considerar esta observação de Lacan não como referente a um erro técnico, mas como se referindo a uma limitação do alcance dos conhecimentos de Freud sobre o caso particular de Dora. O próprio Lacan, em outro momento, chama a atenção para esta limitação ao se referir às interpretações de Freud, fazendo a seguinte pergunta: “Porventura não lhes assinalei mil vezes, a propósito do caso Dora, por exemplo, [...] o quanto as interpretações de Freud – ele mesmo o reconheceu – estavam ligadas a seu conhecimento incompleto da psicologia, muito especialmente a dos homossexuais em geral, mas também a dos histéricos?” (LACAN, 1957-8/1999, p. 333). Podemos, então, considerar o erro técnico de Freud mais precisamente na não-detecção a tempo do fenômeno da transferência, como apontamos inicialmente.

### **O “caso Dora” no século XXI**

Como poderíamos refletir acerca do “caso Dora” no século XXI, após pouco mais de cem anos de sua publicação por Freud? Como podemos acrescentar novos elementos à teoria psicanalítica a partir de uma reflexão atualizada do caso? Primeiramente, queremos chamar a atenção acerca do que foi considerado acima, quando diferenciamos um erro técnico de uma limitação do conhecimento teórico, para uma distinção entre a prática e a teoria psicanalítica. Quando falamos do fenômeno da transferência, estamos lidando com a dimensão prática da experiência psicanalítica, que pode ser refletida no que chamamos de teoria da técnica psicanalítica (LYRA, 2004). Assim, a técnica e a teoria que dá suporte à relação interpessoal implicada na experiência analítica fazem parte da dimensão da prática psicanalítica. Podemos situar as interpretações do psicanalista, igualmente, como uma técnica, que ora se baseia nos elementos particulares do discurso do analisando, e ora remete aos elementos universais da teoria psicanalítica enquanto metapsicologia.

Ao nos referirmos à metapsicologia como conhecimento teórico desenvolvido pela psicanálise, devemos considerar outros aspectos. No “caso Dora”, em particular, Freud chama a atenção para esses aspectos no seguinte trecho:

Os colegas que consideram puramente psicológica minha teoria da histeria, e que por isso a qualificam de antemão como incapaz de solucionar um problema patológico, deduzirão deste ensaio que sua objeção transfere injustificadamente para a teoria o que constitui uma característica da técnica. Apenas a técnica terapêutica é puramente psicológica; a teoria de modo algum deixa de apontar para as bases orgânicas da neurose, muito embora não as procure em alguma alteração anátomo-patológica e substitua provisoriamente pela função orgânica a alteração química esperada, mas ainda impossível de conceber atualmente (FREUD, 1905[1901]/1990, p. 108).

Este trecho pode parecer, para alguns psicanalistas, algo já superado pela psicanálise atual. No entanto, Freud é bastante claro em sua observação ao diferenciar a técnica terapêutica, que é puramente psicológica, de sua teoria psicanalítica, que não deixa de apontar para as “bases orgânicas da neurose”. Além disso, Freud admite que o conhecimento científico de sua época é insuficiente para abordar a questão da psicopatologia, em especial da neurose, em toda a sua amplitude. Nove anos mais tarde, em *Sobre o narcisismo*, Freud volta a afirmar que “devemos recordar que todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica” (FREUD, 1914/1990, p. 95-6). E ainda, quinze anos depois da publicação do “caso Dora”, em *Além do princípio de prazer*, Freud, mais uma vez, escreve:

A biologia é, verdadeiramente, uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos dará, dentro de poucas dezenas de anos, às questões que lhe formulamos. Poderão ser de um tipo que ponha por terra toda a nossa estrutura artificial de hipóteses (FREUD, 1920/1990, p. 81).

Levando em consideração os comentários de Freud ao longo de sua trajetória como psicanalista e fundador da psicanálise, podemos estabelecer uma ligação entre alguns dos termos utilizados por Freud e o conhecimento científico de nossa época. Quando Freud se refere a termos como “bases orgânicas da neurose”, “subestrutura orgânica” e “estrutura artificial de hipóteses”, podemos relacioná-los, respectivamente, a ‘bases neuronais da neurose’, ‘cérebro’ e ‘metapsicologia’. Com isso, trazemos Freud para o contexto científico do início do século XXI, e apontamos a possibilidade de um diálogo entre a psicanálise e a neurociência (LYRA, 2004, 2007).

A ciência do cérebro e do sistema nervoso desenvolvida no final do século XIX e início do século XX ainda estava muito longe de elaborar métodos e teorias capazes de

fornecer uma confirmação biológica para as teorias desenvolvidas pelo psicanalista austríaco. No entanto, ao longo das últimas décadas do século XX, a neurociência evoluiu surpreendentemente, e agora oferece a possibilidade de observar o cérebro em seu pleno funcionamento, trazendo importantes contribuições para a compreensão das bases neurobiológicas de alguns dos conceitos psicanalíticos presentes na obra de Freud (KANDEL, 1999; LYRA, 2007).

Um diálogo produtivo com a neurociência contemporânea, portanto, não deveria deixar de lado todo o desenvolvimento prático que a psicanálise tem realizado desde a sua concepção por Freud, mas poderia revisar alguns dos aspectos fundamentais da teoria e da técnica psicanalítica para uma compreensão mais ampla dos fenômenos psíquicos na atualidade. Trata-se, além disso, de fortalecer a metapsicologia freudiana, que embora seja constituída a partir de uma “estrutura artificial de hipóteses”, pode estabelecer uma conexão com as descobertas científicas mais recentes acerca das bases neuronais de nosso cérebro (LYRA, 2005). Este é um dos desafios para a psicanálise no século XXI.

## Referências

- FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-115.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 83-119.
- FREUD, S. Além do Princípio de Prazer (1920). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-85.
- LACAN, J. **O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- KANDEL, E. R. Biology and the future of psychoanalysis: A new intellectual framework for psychiatry. **American Journal of Psychiatry**. 156: 505-24, 1999. (Versão em português: **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 25(1): 139-165, 2003).
- LYRA, C. E. S. Neurociência e psicanálise: o início de um diálogo. **Revista Neurociências Brasil**. 1(3): 184-186, 2004.
- LYRA, C. E. S. Metapsicologia científica: revisando os fundamentos da teoria psicanalítica do recalque. **Revista Neurociências Brasil**. 2(2): 84-89, 2005.

**LYRA, C.E.S. O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. *Revista Psicologia USP*. 18(3): 55-73, 2007.**

Recebido em: 29 de abril 2013

Aprovado em: 19 de agosto de 2013